

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*

GLEISON REZENDE

Setor de base florestal fecha 2016 com bom desempenho, apesar das adversidades econômicas



O aumento das exportações contribuiu para o resultado da produção da indústria nacional no ano passado. Para este ano, empresas devem seguir apostando nos diferenciais do portfólio brasileiro no mercado externo, enquanto aguardam a almejada retomada econômica do Brasil



Os reflexos da crise econômica que aplaca o Brasil vêm sendo sentidos em diferentes esferas. Para os players que compõem a indústria nacional, tais impactos ficam ainda mais explícitos com a avaliação de alguns dados. Os resultados mais recentes do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que a economia brasileira seguiu em queda no terceiro trimestre de 2016, com recuo de 0,8% em comparação ao trimestre anterior. De janeiro a setembro do ano passado, o PIB apresentou queda de 4% em relação ao mesmo período 2015.

Os principais indicadores de atividade conhecidos até novembro último sugerem que a contração do PIB no quarto trimestre será pouco mais intensa do que se imaginava. Segundo análise da Tendências Consultoria Integrada, a indústria tem demorado a emitir sinais de reação, enquanto o consumo doméstico permanece limitado pelo processo de elevação do desemprego. Dessa forma, a projeção para o PIB do quarto trimestre foi revisada de -0,2% para -0,4% na comparação com o período imediatamente anterior na série com ajuste sazonal. Do lado da oferta, as contribuições negativas no quarto trimestre devem aparecer na indústria (variação esperada de -0,9% na margem) e nos serviços (-0,4%). Pela ótica da demanda, o consumo das famílias deve

permanecer no terreno negativo (-0,2%), e a queda nos investimentos tende a intensificar-se (-5,6%), refletindo o comportamento do consumo aparente de bens de capital e da produção de insumos típicos da construção civil. Mesmo com a alteração da estimativa para o quarto trimestre, a projeção da Tendências para 2016 permanece em -3,5%, deixando para 2017 -0,8% de *carry over* (efeito estatístico, também chamado de “carregamento”, que ocorre quando se leva de um período para outro determinado resultado – positivo ou negativo – de modo a influenciar o resultado futuro). A projeção para o PIB do período é de 0,7%.

O último balanço da produção industrial divulgado pelo IBGE indica alta de 0,2% na produção nacional de novembro de 2016 em relação ao mês anterior. Considerando-se a ligeira expansão da produção industrial no mês, a Tendências avalia que, caso apresente estabilidade no próximo resultado na série livre dos efeitos sazonais, o indicador recuará 1,9% na passagem do terceiro para o quarto trimestre de 2016, acumulando contração de 6,7% no ano, além de deixar um *carry over* de -1,6% para 2017.

A balança comercial brasileira fechou 2016 com superávit de US\$ 47,7 bilhões. De acordo com o resultado divulgado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) em janeiro último, as exportações de US\$ 185,244 bilhões e importações de US\$ 137,552 são responsáveis pelo melhor resultado da história. O maior saldo comercial registrado anteriormente havia sido em

2006, quando alcançou US\$ 46,5 bilhões. No ano, as exportações apresentaram média diária de US\$ 738 milhões, valor 3,5% menor do que o registrado em 2015 (US\$ 764,5 milhões). No período, houve crescimento de produtos semi-manufaturados (5,2%) e manufaturados (1,2%), enquanto caíram as vendas externas de básicos (-9,6%).

Abrão Neto, secretário de Comércio Exterior do MDIC, explica a importância das exportações para o valor atingido. “O superávit é resultado de um desempenho melhor das exportações em comparação às importações. Apesar da queda no valor total das exportações em 3,5%, houve aumento nos embarques de produtos industrializados e também das quantidades, atingindo um patamar recorde”, afirma. “Em 2016, tivemos volumes recordes de exportações em vários produtos importantes, como carne de frango, celulose e suco de laranja, o que ajudou no desempenho positivo”, completa Neto. Entre os destaques, a exportação de celulose somou US\$ 5,569 bilhões no ano passado.

Fazendo um balanço do ano para toda a indústria de base florestal, Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), avalia que o fraco desempenho da economia brasileira, que contribuiu para a redução do poder de compra no mercado doméstico, foi um dos principais aspectos que impactaram as empresas do setor. “Para compensar essa lacuna, as empresas continuaram a atuação na conquista do mercado externo, motivadas especialmente pela excelência do seu produto, melhor engenharia genética arbórea, maior produtividade e um parque industrial moderno”, contextualiza. “É fato também que o consumo mundial de produtos florestais vem aumentando consideravelmente, e o Brasil é um dos poucos países que apresentam capacidade para atender à demanda que surge. Mesmo com a valorização do real em 25% ao longo do ano, o resultado positivo do volume de exportações se manteve”, completa sobre o panorama.

Na avaliação de Marcio Funchal, diretor de Consultoria da Consufor, o mercado interno passa por um ciclo negativo causado por erros na condução da economia por parte do governo. A política monetária dos últimos anos levou o cidadão ao elevado endividamento, que se agravou com a redução de sua capacidade de compra pela alta da inflação e aumento de preços – principalmente aqueles controlados pelo governo, como energia, saneamento e combustíveis. “Com a redução do poder de compra, as vendas caíram e muitas companhias

IBÁ/CAROL CARQUEJERO



Elizabeth avalia que o fraco desempenho da economia brasileira foi um dos principais aspectos que impactaram as empresas do setor

reduziram a produção ou encerraram as atividades, o que aumentou as demissões e reduziu ainda mais a capacidade de compra no mercado interno. Em razão disso, as empresas do setor estão em pleno processo de revisão de suas estruturas internas de custos e de estratégias”, detalha. Como exemplo dessa reestruturação, ele cita indústrias que continuamente têm negociado ativos florestais com fundos de investimentos como forma de melhorar sua estrutura de capital.

Diante dos resultados econômicos – alguns esperados e outros já consolidados – de 2016, as projeções para o desenrolar de 2017 são mais positivas. Segundo a Tendências, a projeção atual para a atividade industrial contempla elevação de 2,2% sobre 2016. A estabilização macroeconômica do País, com a consequente redução dos juros, a melhora na percepção de riscos e a retomada da confiança, tende a induzir a recuperação dos setores industriais mais sensíveis ao ciclo econômico. Ao longo do ano, a produção deve receber ainda importante contribuição positiva da agropecuária, com a expectativa de recomposição da produção agrícola após a severa quebra de safra observada em 2016. A consultoria ressalta, de todo modo, que a herança estatística muito negativa deixada para 2017 tornará bastante desafiadora a materialização desse cenário.

Amplamente repleto de realidades distintas, o setor florestal brasileiro apresenta não apenas diferentes cadeias produtivas, como também diferentes mercados. “Numa visão geral, o mercado nacional procura olhar 2017 como um ano melhor do que 2016, que não foi positivo”, prospecta Funchal, ressaltando que as dificuldades do cenário econômico afetaram todos os segmentos da indústria de base florestal. “Esses setores têm enfrentado um cenário complexo em termos econômicos já há alguns anos, principalmente no mercado interno, cuja instabilidade econômica e política se agravaram mais recentemente. Como não há sinais claros de que a situação do País vá melhorar significativamente no cenário de curto prazo, a estratégia proeminente no momento é garantir que os negócios permaneçam em funcionamento.”

Celulose bate recorde de produção e exportação

Apesar de inserida em um contexto econômico pouco favorável, a indústria brasileira de celulose apresentou bons resultados no ano passado, especialmente pelo



GIULHERME BALCONI

“Numa visão geral, o mercado nacional procura olhar 2017 como um ano melhor do que 2016, que não foi positivo”, prospecta Funchal

fato de o mercado externo já ser uma realidade: 69% de sua produção tem como destino outros países. Segundo dados da Iba, o setor bateu recorde de produção e exportação em 2016. No último ano, as indústrias brasileiras produziram mais de 18,7 milhões de toneladas, com aumento de 8,1% sobre o volume registrado em 2015 (17,4 milhões de toneladas) e de 14% em relação aos números de 2014 (16,5 milhões de toneladas). Considerando os últimos dez anos, a produção de celulose avançou 68%, quando em 2006 apresentou um resultado de 11,2 milhões de toneladas. As exportações tiveram grande relevância no expressivo resultado do setor, atingindo patamares inéditos. Em 2016, o volume de celulose destinada a outros países superou 12,9 milhões de toneladas, um crescimento de 11,9% em relação a 2015 (11,5 milhões de toneladas) e 21,5% na comparação com 2014 (10,6 milhões de toneladas). De 2007 até 2016, o volume exportado praticamente dobrou.

INDICADORES DE DESEMPENHO DA CELULOSE BRASILEIRA

Celulose (1.000 toneladas)	2013	2014	2015	2016
Produção	15.129	16.465	17.370	18.773
Exportação	9.430	10.614	11.528	12.901
Importação	430	416	407	356

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Iba)





“Os chineses têm uma característica de negociação diferente da dos americanos e dos europeus, que sempre foram a base dessa indústria”, sublinha Ferreira

Ainda com foco no cenário de exportação de 2016, verifica-se que a China figura, desde julho último, como o principal destino do insumo brasileiro, ultrapassando os países europeus. Entre 2013 e 2016, o país asiático saltou de 31% para 39% em participação no valor das exportações, atingindo no último ano US\$ 2,2 bilhões.

“Se analisarmos o mercado chinês, a celulose brasileira de fibra curta, utilizada para papéis sanitários, fraldas descartáveis e absorventes, entre outros produtos, já detém aproximadamente 50% de participação das importações, devido ao crescimento populacional e econômico do país”, cita Elizabeth. Pressionada a melhorar seus processos industriais para contribuir com as metas do clima, a China deve aumentar suas importações por produtos mais sustentáveis, com menor impacto ambiental. “Nesse caso, a indústria brasileira de florestas plantadas

é referência mundial, com os produtos que mais absorvem carbono, entre os quais a celulose, o papel e o painel de madeira. Cada vez mais o mercado chinês verá nos produtos brasileiros uma ótima opção para atingir esses objetivos”, ressalta a presidente executiva da Ibá.

A alta de preços da fibra curta despontou como surpresa positiva à indústria de celulose na virada do ano. Os produtores anunciaram um novo patamar de preços para seus principais mercados internacionais. De acordo com Lucas Ferreira, analista do J.P. Morgan, o fato pode ser atribuído a toda a conjuntura de 2016. “Ao longo do ano, o preço da celulose também caiu mais rápido do que o esperado. A queda se deu porque os compradores de celulose tentaram se antecipar, de maneira bem agressiva, às próximas entradas de capacidade, incluindo os startups do Projeto OKI, da Asia Pulp & Paper (APP), na Indonésia, e do Projeto Horizonte 2, da Fibria, no Brasil. Já a alta atual de preços é reflexo justamente do atraso na colocação em funcionamento da fábrica OKI e da perspectiva de um *ramp-up* (fase inicial da produção industrial, visando à comercialização de um novo produto) um pouco mais lento. Existe, portanto, essa janela de oportunidade para o preço se recuperar no primeiro trimestre e no começo do segundo trimestre deste ano”, justifica Ferreira.

Ainda conforme o analista do J.P. Morgan, esse é um mercado cuja demanda vem crescendo a taxas médias anuais de 3% a 4%, valor que representa uma soma de 1,2 milhão de toneladas adicionais por ano. “Sabemos que a penetração de tissue ainda é baixa e pode ser mais bem explorada. Há uma série de máquinas prestes a entrar em operação, e a celulose de fibra curta tem ganhado espaço à frente das outras fibras. A demanda, portanto, nunca foi uma preocupação, que na verdade é a oferta. Notamos mais competição e menor alinhamento entre os players com relação à estipulação de preços. Disso resultado um mercado mais volátil”, constata.

Além disso, continua Ferreira, o fato de a China responder por 90% da demanda adicional de celulose confere ao país um papel cada vez mais relevante neste mercado, ultrapassando a Europa em relevância. “Os chineses têm uma característica de negociação diferente da dos americanos e dos europeus, que sempre foram a base dessa indústria. Eles focam no curto prazo e tendem a negociar com base nos movimentos mensais de estoque e expectativa de mercado. As rápidas mudanças de expectativa da China, acompanhando preços

PRINCIPAIS DESTINOS DA CELULOSE BRASILEIRA

Celulose (US\$ milhões FOB)	2013	2014	2015	2016
China	1.582	1.711	1.862	2.166
Europa	2.083	2.087	2.155	1.847
América do Norte	1.028	974	984	875
Ásia/Oceania	415	434	489	515
América Latina	64	81	103	139
África	14	11	10	33

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibá)

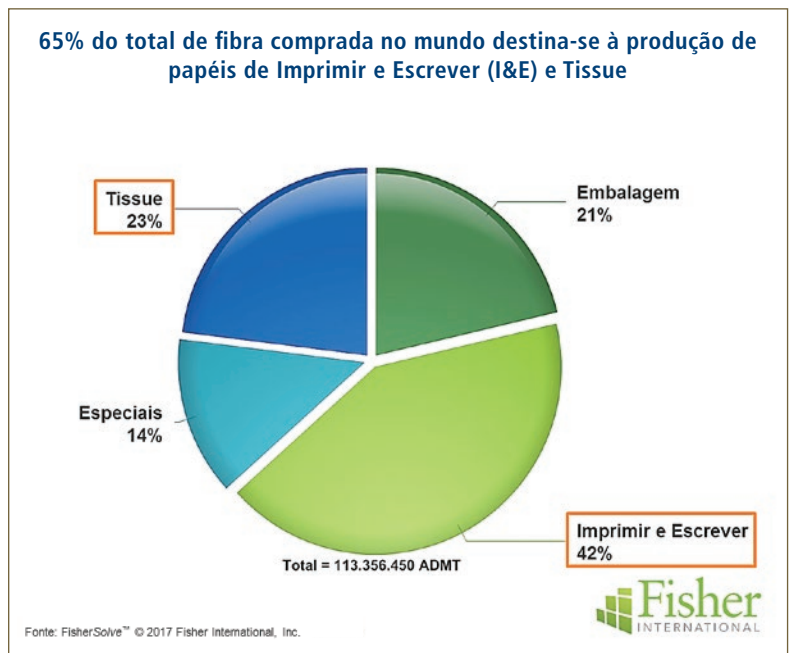
mês a mês para aproveitar oportunidades, também vêm tornando o mercado mais volátil e diminuindo razoavelmente a previsibilidade de preço”, explica ele, adiantando que esse movimento tende a continuar em 2017, o que exigirá uma adaptação da política comercial das empresas do setor.

Os analistas do Citi Research, divisão do Citigroup, são cautelosos ao comentar os preços que devem pautar a oferta de fibra curta no médio prazo, já que os volumes adicionais previstos para 2017 devem ultrapassar o crescimento estável da demanda. Nos próximos meses, a entrada em operação das duas megafábricas já citadas e a mais nova planta da Klabin operando em plena capacidade poderão somar adicionais de 5,85 milhões de toneladas de celulose de fibra curta, prometendo impactos negativos ao mercado. O Citi prevê preços de US\$ 665/t para fibra curta em 2017, valor que representa um recuo de 4% nos preços praticados em 2016.

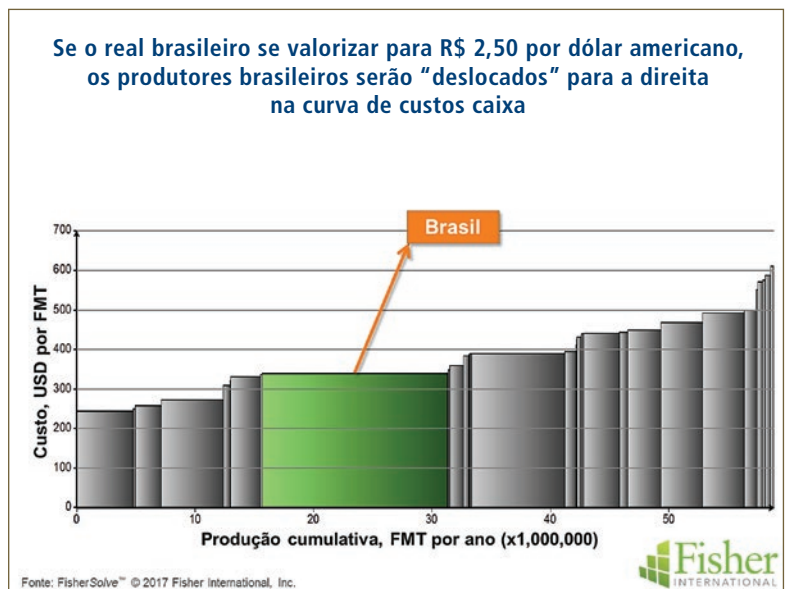
Na visão dos analistas do Citi Research, alguns fatores podem reduzir inesperadamente essa tendência de supercapacidade. Como exemplo, a OKI pode apresentar aumento mais lento da Linha 1 e passar por atrasos na Linha 2 por questões relacionadas ao abastecimento de fibras, pois a APP perdeu cerca de 90 mil hectares de suas florestas devido aos incêndios de 2015 e 2016 na Indonésia.

Marcello Collares, gerente de Vendas (América Latina) da Fisher International, concorda que, apesar da tradicional percepção de que novas adições de volume exercem impactos sobre os preços da commodity, outros fatores podem atuar na dinâmica de preços da celulose. “Nos últimos anos, houve eventos em que a adição de novos volumes de produção veio acompanhada por preços médios superiores ao período imediatamente anterior a tal fato. A Fisher International, em parceria com a empresa finlandesa STE, baseia-se em modelos proprietários de pensamento sistêmico que possibilitam o desenho de diferentes cenários. Como exemplo, o gráfico em destaque nos mostra que 65% do total de fibra comprada no mundo destina-se à produção de papéis de imprimir e escrever (I&E) e tissue.”

Ainda de acordo com Collares, 30% de tal fibra são hardwood. “Considerando-se a adição líquida de produção de I&E e tissue para 2017 (8,3 milhões de toneladas), juntamente com outros fatores, como comportamento de compradores versus vendedores e taxa de entrega e produção, não podemos assegurar que os preços sofrerão um colapso nos próximos meses”, esclarece.



Sobre as expectativas a respeito do câmbio nos próximos meses e os impactos que essas previsões devem acarretar à indústria de celulose, ele afirma que a volatilidade atual das taxas de câmbio é fator impeditivo para qualquer previsibilidade. “Instrumentos financeiros de hedge (*swaps* – estratégia de proteção para investimentos de risco que neutraliza a posição comprada ou vendida para que o preço não varie), maturidade de dívidas, acordos de suprimentos de longo prazo, como gás, podem ser mais relevantes para os produtores locais do que uma vantagem cambial momentânea”, pondera Collares.



“De qualquer forma, podemos utilizar o FisherSolve™ para simular cenários otimistas/pessimistas e entender como a flutuação cambial poderia afetar o custo caixa de produção. Se o real se desvalorizar para R\$ 4,00 por dólar americano, os produtores terão no curto prazo uma vantagem maior que US\$ 40/t”, completa, dando um exemplo. Já em caso de valorização do real para R\$ 2,50 por dólar americano, os produtores brasileiros seriam “deslocados” para a direita na curva e custos, conforme o gráfico em destaque ilustra.

Também analisando os possíveis reflexos da situação cambial, Funchal comenta que, caso a crise econômica e política do Brasil venha a ser equacionada corretamente em 2017 e 2018, o câmbio deverá permanecer no patamar atual, flutuando próximo da faixa de R\$ 3,15 – R\$ 3,30 por dólar, o que seria positivo para o setor florestal brasileiro. “Mas câmbio é uma das ‘ferramentas’ preferidas do governo. Assim, apreciações e depreciações poderão ser observadas em 2017, caso o protecionismo se intensifique ao redor do mundo”, posiciona o diretor de Consultoria da Consufor.

Ainda de acordo com o executivo, outra variável exerce um impacto muito mais relevante às exportações brasileiras: a demanda internacional. “O empresário brasileiro precisa retirar o foco apenas do câmbio como driver único do desempenho das exportações e compreender que um mercado internacional comprador e rotineira-

mente ativo é mais muito importante para o seu empreendimento”, alerta. Especificamente sobre o mercado norte-americano, Funchal diz que o Brasil precisa atentar aos possíveis desdobramentos da nova política econômica a ser adotada.

Entre os principais aspectos, está a potencial saída dos Estados Unidos do Acordo Transpacífico, que, na prática, extingue o bloco econômico. “É claro que essa medida ainda precisa de aprovação legal no país, mas já causa mudanças nos ânimos do mercado internacional quanto aos impactos que poderá causar. Para o Brasil, é uma medida potencialmente positiva, uma vez que um dos principais parceiros comerciais do País volta a estar apto a comercializar produtos com o restante do mundo sem dar preferência à troca de mercadorias intrabloco”, avalia Funchal. Por outro lado, o presidente Trump deve iniciar movimentos de proteção da indústria americana, fator que deve elevar as dificuldades para a compra de mercadorias internacionais, inclusive para os produtos florestais exportados pelo Brasil. “Várias economias globais têm aumentado gradualmente os níveis de competição e exigências para o comércio internacional (medidas tarifárias e não tarifárias), num efeito em cascata como resposta à onda protecionista instalada ao redor do mundo. Assim, o exportador brasileiro já opera hoje com a imposição de certificações, selos de origem, inspeções do comprador ainda na fase de fabricação do produto, licenças especiais dos órgãos aduaneiros, aumento dos custos logísticos e várias outras barreiras que dificultam o comércio internacional. Em 2017, esses fatos devem se intensificar”, vislumbra ele.

Ferreira, do J.P. Morgan, acredita que os players brasileiros já têm reagido a esse mercado mais competitivo, mais volátil e menos previsível. “As empresas brasileiras seguem buscando custos de produção mais baixos, investindo em plantas mais eficientes e em novas tecnologias, a fim de chegar a produtos com características técnicas melhores. As empresas também vêm investindo no melhor entendimento de mercado, aproximando-se da indústria chinesa para ter diferenciais competitivos”, avalia.

Atenta ao excesso de oferta, a indústria nacional também deve apresentar uma média de investimentos mais baixa entre este ano e o próximo. Outro motivo que justifica a freada de investimentos no curto prazo

DIVULGAÇÃO FISHER



“Instrumentos financeiros de hedge (swaps), maturidade de dívidas, acordos de suprimentos de longo prazo, como gás, podem ser mais relevantes para os produtores locais do que uma vantagem cambial momentânea”, pondera Collares

diz respeito ao término de um recente ciclo de investimentos. “A Suzano concluiu um ciclo há dois anos, a Klabin terminou um grande projeto em 2016 e a Fibria tem previsto para este ano um startup cujo pico de investimento já passou. As grandes empresas, portanto, estão cautelosas quanto às suas alavancagens. Para realizar outros investimentos, certamente vão esperar uma desalavancagem e oportunidades melhores de mercado”, posiciona Ferreira.

Papel mantém produção estável e registra marca histórica de exportação

De acordo com dados da Ibb, o segmento de papel manteve sua produção estável em quase 10,3 milhões de toneladas em 2016. Esse resultado, positivo em comparação a vários setores da economia brasileira, justifica-se pela conquista de espaço no mercado doméstico deixado pela queda das importações de 866 mil para 688 mil toneladas (-20,6%) e pelo crescimento das exportações (+2,2%) no ano passado. Também no ano passado, a indústria brasileira de papéis registrou marca histórica de 2,1 milhões de toneladas de papel comercializadas para o exterior. Os países latino-americanos continuam sendo os principais mercados das exportações de papel. O volume exportado para a América Latina totalizou US\$ 1,1 bilhão, soma que resultou em 61% de participação em faturamento.

Direcionando o olhar ao desempenho de cada segmento que compõe a indústria nacional de papel, os dados da Ibb mostram que, da produção total de papéis, os para embalagem representaram 52%. “Os papéis que protegem e acondicionam produtos, de remédios a gêneros alimentícios, inclusive bebidas e congelados, vêm conquistando espaço no mercado externo nos últimos quatro anos”, ressalta Elizabeth.

O volume exportado passou de 619 mil toneladas em 2013 para 731 mil em 2016, representando uma alta de 18% no período. Isso fez com que a produção se mantivesse estável, mesmo com a queda das vendas domésticas em 2% no período. As importações tiveram constantes quedas desde 2013, atingindo 40 mil toneladas em 2016, com diminuição de 39%.

Segundo dados da Ibb, o papel-cartão, cuja parcela na produção total de papéis de 2016 é de 6,4%, vem sofrendo queda na produção (-10%) desde 2013, influen-

PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PAPEL

Papel (US\$ milhões FOB)	2013	2014	2015	2016
América Latina	1105	1082	1148	1134
Europa	284	262	260	204
América do Norte	264	261	241	168
Ásia	142	131	138	153
China	82	91	129	115
África	93	95	105	97

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibb)

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E VENDAS DOS PAPÉIS PARA EMBALAGENS

Embalagem (1.000 toneladas)	2013	2014	2015	2016
Produção	5.364	5.373	5.471	5.438
Vendas domésticas	1.813	1.789	1.769	1.771
Exportação	619	674	727	731
Importação	66	61	57	40

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibb)

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E VENDAS DO PAPEL-CARTÃO

Papel-cartão (1.000 toneladas)	2013	2014	2015	2016
Produção	739	702	691	666
Vendas domésticas	557	539	505	505
Exportação	182	163	186	161
Importação	49	49	48	35

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibb)

ciada pela queda tanto nas vendas domésticas (-9%) quanto nas exportações (-12%). “A boa notícia fica por conta da estabilização das vendas domésticas em 2016 na comparação com o ano anterior, com 505 mil toneladas comercializadas internamente.”

Dando enfoque ao segmento de papelão ondulado, Amanda Fantinatti, economista especializada em estudos sobre o mercado latino-americano de Papéis para Embalagem da RISI, informa que a demanda



brasileira desacelerou 1,5% em 2016, em linha com a maior recessão da história recente do País e das muitas incertezas em curso – a exemplo do impeachment, da operação Lava Jato, da crise política e fiscal e da necessidade de reformas estruturais, assim como do elevado desemprego.

Por se tratar de um segmento diretamente ligado ao desempenho da economia, Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöry Tecnologia, considera satisfatórios os resultados de 2016. “Vimos um quadro desafiador, principalmente pela pressão em termos de custos, mas, no primeiro semestre de 2016, a expectativa era de um resultado pior do que o atingido”, lembra ele.

Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística, explica que a cadeia nacional de embalagem enfrentou alta de preços das aparas de papel por um período de 2016. Como o consumo de embalagens foi menor, em consequência da baixa atividade econômica no Brasil, houve redução da disponibilidade de aparas para reaproveitamento.

“O nível de consumo do brasileiro vinha crescendo muito há alguns anos. O consumo de produtos importados também era alto com o dólar baixo. Produtos importados significam embalagens que vão se transformar em aparas no mercado interno. Com grande volume de aparas, portanto, acompanhamos preços baixos em 2014. Em 2015, a situação começou a se estabilizar e os preços das aparas marrons começaram a subir, já que

aquele excesso vindo do exterior passou a ser diluído. No segundo trimestre de 2016, notamos um princípio de recuperação da indústria nacional, demandando mais aparas. Como não havia insumo a ser fornecido naquele momento, os preços explodiram”, detalha. No final do ano, no entanto, os fabricantes de embalagem pararam de produzir, fazendo cair o preço das aparas. “Vimos uma queda bastante acentuada em dezembro e janeiro. A tendência é de o preço continuar a cair até a retomada da economia, para que as aparas voltem a ser demandadas pelos fabricantes de embalagem”, contextualiza.

A preocupação para este ano, alerta Vilas Boas, diz respeito a problemas de abastecimento da matéria-prima. “A situação vivida hoje reflete uma baixa produção de aparas, mas acompanhada de um consumo ainda menor. Quando a esperada retomada econômica se instalar, consequentemente teremos maior demanda por aparas. Nesse momento, talvez voltem a ficar escassas”, justifica.

Além das oscilações de demanda, oferta e preços das aparas, um fato marcante sobre o segmento de embalagem foi o desenrolar da tendência de consolidação já constatada pelos especialistas do setor. No início de 2016, as empresas Inpa Embalagens e Paema Embalagens foram adquiridas pela Smurfit Kappa, “uma clara demonstração de que os produtores internacionais de embalagem continuam com uma visão positiva sobre o setor, apesar da crise econômica que o Brasil enfrenta. O mercado de papel brasileiro tem bom potencial de crescimento, mas represado pela presente crise. Estão inclusive aproveitando este momento para efetivar aquisições”, frisa Carlos Alberto Farinha, vice-presidente da Pöry Tecnologia.

Para 2017, sinaliza a economista da RISI, a expectativa é de retomada do crescimento econômico, não apenas no Brasil, como também em outros mercados importantes da América Latina. “Apesar de o balanço de riscos para a economia brasileira estar um pouco favorável, ainda não há perspectivas de uma sólida recuperação econômica. Estimamos que o PIB cresça em torno de 0,5% neste ano. O consumo aparente de papelão ondulado, portanto, deve mostrar crescimento em linha com a recuperação econômica e crescer por volta de 0,8% em 2017. A média de crescimento para os próximos quatro anos é de 3%.”

DIVULGAÇÃO RISI



Segundo a economista da RISI, o ambiente internacional mais pressionado deve contribuir para um maior direcionamento da produção local de papelão ondulado, especialmente a dos produtores brasileiros para o mercado externo

Embora o Brasil seja atualmente o maior mercado de papelão ondulado da América Latina, continuará a perder participação no cenário externo. “Prevemos que o México se tornará a maior região consumidora de papelão ondulado nos próximos anos, liderando o crescimento e avançando mais de 1 milhão de toneladas entre 2016 e 2021, o que representa cerca de 50% do crescimento da demanda total para a América Latina”, detalha Amanda.

A boa notícia: o ambiente internacional tem sofrido mais pressão e deve abrir espaço para aumento de preços de papelão ondulado acima dos antecipados, inclusive na América Latina. Segundo a economista da RISI, “tal fato deve contribuir para um maior direcionamento da produção local, especialmente dos produtores brasileiros, para o mercado externo”.

Ao esclarecer os motivos que têm levado a um cenário mundial para papelão ondulado mais desafiador nos últimos meses, Amanda cita que, nos Estados Unidos, a demanda por kraftliner foi inesperadamente alta no segundo semestre de 2016 e os produtores anunciaram aumento de preço em outubro último para o mercado interno e em novembro para o externo. A demanda na China também tem se mostrado mais forte e acima do esperado nos últimos meses.

Adicionalmente, o excesso de oferta pode ser menor do que o antecipado devido ao fechamento de fábricas excessivamente poluidoras e também à baixa lucratividade de outras. Na Europa, apesar de diversos projetos estarem se materializando no curto prazo, vários players têm anunciado aumento de preços na região. Outro fato que tende a pressionar o mercado internacional é a recente explosão em uma fábrica da International Paper nos Estados Unidos, ocasionando significativos estragos na estrutura do digestor e impossibilitando a retomada da produção de kraftliner no curto prazo. “O tempo exato de retomada da produção da fábrica, responsável por 1,9% de toda a produção de papelão ondulado dos Estados Unidos, ainda é incerto”, contextualiza ela.

Os papéis de imprimir e escrever, por sua vez, representaram 24% da produção total de papéis de 2016. “Devido à recessão financeira que afetou o poder de compra de empresas e do consumidor final, esse mercado teve queda de 10% nas vendas domésticas nos últimos quatro anos, impactando tanto o volume impor-



tado, que desde 2013 vem caindo anualmente (-48%), quanto a produção (-4%)”, contextualiza Elizabeth. O aspecto positivo: a produção começou a mostrar sinais de recuperação em 2016, com a adição de 15 mil toneladas no mercado em relação a 2015.

Na visão de Neves, a tendência mundial de grande redução de consumo acarretada pela concorrência dos meios digitais ainda não chegou com força ao Brasil. “É claro que os veículos digitais têm crescido e ocupado espaço no mercado, mas ainda vemos uma produção estável no segmento de imprimir e escrever, fato

Na visão de Neves, a tendência mundial de grande redução de consumo de papéis de I&E acarretada pela concorrência dos meios digitais ainda não chegou com força ao Brasil

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E VENDAS DOS PAPÉIS DE IMPRIMIR E ESCREVER

Imprimir e Escrever (1.000 toneladas)	2013	2014	2015	2016
Produção	2.621	2.616	2.492	2.507
Vendas domésticas	1.706	1.754	1.552	1.543
Exportação	920	863	945	927
Importação	559	577	336	292

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibá)

DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E VENDAS DO PAPEL IMPRENSA

Embalagem (1.000 toneladas)	2013	2014	2015	2016
Produção	128	105	98	96
Vendas domésticas	126	105	95	81
Exportação	1	2	2	11
Importação	318	293	212	139

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibá)

Produção de papéis de fins sanitários			
Produto	2015	2016	Varição %
Papel higiênico	888,2	914,3	2,9%
- Folha simples	554,9	535,1	-3,6%
- Folha dupla	333,3	379,2	13,8%
Toalha de mão	204,2	189,0	-7,4%
Toalha multiúso	75,6	72,4	-4,2%
Guardanapos	38,5	43,5	13,0%
Lenços	3,7	3,8	2,7%
Total	1.210,2	1.223,0	1,1%

Vendas domésticas de papéis de fins sanitários			
Produto	2015	2016	Varição %
Papel higiênico	890,9	913,9	2,6%
- Folha simples	553,7	536,8	-3,1%
- Folha dupla	337,2	377,1	11,8%
Toalha de mão	205,2	190,1	-7,4%
Toalha multiúso	75,1	70,5	-6,1%
Guardanapos	37,4	44,4	18,7%
Lenços	3,5	3,4	-2,9%
Total	1.212,1	1.222,3	0,8%

Fonte: Anguti Estatística

que deve persistir ao longo deste ano”, diz. O gerente de Estudos Econômicos da Pöyry ainda frisa que o Brasil continua sendo um exportador competitivo de papel não revestido A4 e também tende a seguir atuando dessa forma em 2017.

O papel imprensa, responsável por 0,9% da produção total de papéis de 2016, reflete uma realidade distinta: “Desde 2013 a produção de papel para a imprensa vem sofrendo queda (-25%), motivada principalmente pelas vendas no mercado interno, que diminuíram 45 mil toneladas (-36%). Esse movimento afetou principalmente as importações, que caíram pela metade nesse período (-56%)”, aponta Elizabeth, apresentando os dados mais recentes da Iba.

Segundo dados da Anguti Estatística, o segmento de papéis para fins sanitários fechou 2016 com crescimento, registrando volumes de produção e de vendas maiores do que os de 2015. “A produção total de tissue em 2016 foi de 1,223 milhão de toneladas, contra 1,210 milhão de toneladas no ano anterior. O resultado reflete uma variação positiva de 1,1%. No caso das vendas de 2016, somaram 1,222 milhão de toneladas, representando incremento de 0,8% em relação ao 1,212 milhão de toneladas vendidas em 2015”, informa Vilas Boas.

O que chama a atenção nesse crescimento, sublinha o diretor da Anguti Estatística, é que o papel higiênico de folha dupla foi o grande responsável pelo resultado positivo, com produção de 379.200 toneladas, que reflete



GUILHERME BALCOM

O diretor da Anguti Estatística destaca que o papel higiênico de folha dupla foi o grande responsável pelo resultado positivo do segmento tissue

uma variação positiva de 13,8% em relação a 2015 (333.300 toneladas). “Além do crescimento dos papéis de folha dupla, só tivemos crescimento em guardanapos, produto que não representa uma parcela significativa do universo produtivo do segmento”, completa.

O destaque dos papéis de folha dupla mostra que a melhoria de qualidade dos produtos tissue é uma tendência que não retrocede mais. Vilas Boas informa que a queda de preços da celulose de fibra curta, que tem levado à substituição de aparas brancas por fibra virgem na fabricação do produto, foi mais um fator a contribuir para a produção de papéis de melhor qualidade.

Historicamente, o segmento tissue cresce, em média, 50% acima do PIB. No último ano, mesmo com a queda violenta do PIB, o setor foi capaz de apresentar crescimento. “Foi um resultado bom”, avalia Vilas Boas. Ele, contudo, declara que isso não significa uma boa remuneração para o setor, mas que, “independentemente das adversidades, inclusive a de uma remuneração mais baixa, o setor vem expandindo sua capacidade de produção e distribuindo cada vez mais papel no mercado”, pondera ele sobre o cenário atual.

Também avaliando o desempenho do segmento tissue em 2016, Farinha aponta um fato curioso: comparando as taxas de crescimento de 2016 com as de 2015, é possível notar que caminharam lado a lado com as variações apresentadas pelo segmento de embalagem. “Em uma situação econômica estável, os papéis para fins sanitários deveriam ter crescido mais, pois vinham apresentando crescimentos muito maiores do que os de papéis de embalagem nos últimos anos”, explica sobre a similaridade inesperada. “De qualquer forma, tissue foi o segmento de papel que registrou maior crescimento no ano passado. Seu consumo está atrelado ao poder de compra do consumidor, enquanto o de embalagem está mais ligado ao desempenho da indústria”, acrescenta Farinha.

O crescimento do segmento deve se estender por 2017, especialmente pela expectativa de retomada econômica a partir do segundo semestre. A entrada em operação de novas máquinas – a exemplo do projeto da Suzano, que engloba a construção de duas unidades de produção de bobinas para a conversão em papel higiênico nas cidades de Mucuri (BA) e Imperatriz (MA) e deve colocar uma dessas máquinas em operação ainda neste ano – também promete marcar o segmento ao longo dos próximos meses, apesar de os reflexos ao mercado ainda serem pouco previsíveis, conforme conclui Vilas Boas.



DIVULGAÇÃO POLYNY

“Em uma situação econômica estável, os papéis para fins sanitários deveriam ter crescido mais, pois vinham apresentando crescimentos muito maiores do que os de embalagem nos últimos anos”, compara Farinha

Para as empresas de painéis de madeira, que têm a maior parte da produção voltada ao mercado interno, a maior dificuldade enfrentada no ano passado foi a falta de comprador no mercado doméstico, assim como aconteceu em 2015. “A crise do setor de construção civil também foi uma das responsáveis pela queda de 2,1% nas vendas internas”, adiciona Elizabeth ao avaliar os resultados do segmento em 2016. A solução encontrada pelo segmento foi buscar os compradores em outros países.

No ano passado, a venda de painéis de madeira para outros países bateu recorde. “O volume de exportação cresce desde 2011, com destaque para os últimos dois anos, com altas superiores a 50%. No último ano, as exportações para outros países superaram 1 milhão de m³, com aumento de 64% em relação ao ano anterior (641 mil m³), de 150% sobre 2014 (421 mil m³) e 201% sobre 2013 (349 mil m³)”, informa a presidente executiva da Ibá.



DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E VENDAS DE PAINÉIS DE MADEIRA

Painéis de Madeira (1.000 m ³)	2013	2014	2015	2016
Vendas domésticas	7.347	7.187	6.373	6.238
Variação %		-2,2%	-11,3%	-2,1%
Exportação	349	421	641	1051
Variação %		+20,6%	+52,3%	+64,0%

Fonte: Indústria Brasileira de Árvores (Ibá)

A aquisição de terras por empresas com capital estrangeiro, congelada há mais de seis anos, será outro desafio para 2017, visto que é um importante passo para atrair investimentos estrangeiros

Na análise de Elizabeth, o setor soube responder bem à redução do número de compradores no mercado interno em 2016. Entre a queda nas vendas domésticas (-135 mil m³) e o crescimento das exportações (+410 mil m³), o saldo foi positivo em 275 mil m³. Como resultado, a balança comercial do segmento em 2016 também teve saldo positivo, com crescimento de 30,9%, registrando US\$ 246 milhões, contra US\$ 188 milhões do ano anterior.

Estendendo o balanço aos três segmentos que compõem a indústria de base florestal – celulose, painéis de madeira e papel –, a presidente executiva da Ibá destaca que as três indústrias apresentaram crescimento nas exportações e queda nas importações em comparação a 2015. “Esse desempenho contribuiu para que a balança comercial do setor fechasse o ano com resultado positivo de US\$ 6,6 bilhões (+2,4%). A celulose contribuiu com mais de US\$ 5,2 bilhões (0,6%); o papel com US\$ 1,1 bilhão (+6,6%), e os painéis de madeira com US\$ 246 milhões (+30,9%)”, elenca.

Elizabeth reforça que o aumento nas exportações dos produtos provenientes do setor brasileiro de florestas plantadas vem contribuindo positivamente com o resultado de sua produção. A questão ambiental, enaltecida pela homologação do Acordo do Clima em novembro último, também contribui com o crescimento das exportações.

“Os países que mais emitem Gases de Efeito Estufa (GEE), pressionados a melhorar seus processos industriais, preferem importar produtos que tenham menor impacto ambiental. Com produção 100% sustentável, somos um dos únicos países capazes de atender ao consumo mundial e, ao mesmo tempo, mitigar o impacto ambiental”, evidencia sobre o diferencial que tende a ganhar relevância nos próximos anos.

Ainda de acordo com ela, a Ibá continuará atuando fortemente nas frentes governamentais para que aconteçam as reformas necessárias em prol do aumento da competitividade da indústria nacional. “O setor brasileiro de árvores plantadas, responsável por 6% do PIB Industrial do País, acredita que, para consolidar a economia e estabelecer um crescimento orgânico, em médio prazo, é essencial a adequação de tributos, o que permitirá caminhar com mais facilidade em direção aos acordos internacionais bilaterais e multilaterais. Além disso, a



Associação focará discussões para a concretização de uma urgente agenda para melhorar a infraestrutura logística nacional, fundamental para a redução dos gastos e para o ganho de eficiência.”

De olho na retomada da economia, o setor de florestas plantadas já contribui para essa mudança junto ao governo federal, por meio do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). Elizabeth explica que esse fórum, responsável pela interface entre sociedade civil e governo para a elaboração de políticas públicas que contribuam para que o País volte a crescer e se desenvolva socialmente, deve ter sequência neste ano, com reunião programada já para o primeiro trimestre.

“Em 2017, também vamos trabalhar junto aos Ministérios da Fazenda, Agricultura, Meio Ambiente e das Relações Exteriores, para discutir a criação do mercado de carbono brasileiro. O Brasil precisa desenvolver políticas públicas e mecanismos de mercado para a precificação do carbono, discutida amplamente na COP 22. Isso permitirá ao País entrar com força na chamada economia verde, uma nova área que deve contribuir significativamente para a retomada do crescimento econômico”, revela.

Elizabeth adiciona que a aquisição de terras por empresas com capital estrangeiro, congelada há mais de seis anos, será outro desafio para 2017, visto que é um importante passo para atrair investimentos estrangeiros, gerando empregos e renda. Entre as associadas da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), estão diversas companhias multinacionais de grande porte com investimentos paralisados, tanto em novas unidades quanto em ampliação das atuais. “Além disso, estarão em nossa pauta a aprovação da lei de licenciamento, a ampliação de mecanismos que incentivem o consumo de produtos mais sustentáveis e a implantação de políticas que consideram a biomassa como um produto de carbono neutro”, encerra sobre a agenda que deve pautar o setor nos próximos meses e trazer avanços importantes para o cenário de médio e longo prazos. ■

